

CASTRO ALVES

---

A CACHOEIRA

DE

PAULO-AFFONSO

POEMA


BAHIA

IMPRESA ECONOMICA

22 — Rua dos Algibeles — 22

1876



CASTRO ALVES

---

A CACHOEIRA

DE

PAULO-AFFONSO

POEMA

ORIGINAL BRAZILEIRO

Fragmento dos — ESCRAVOS —, sob o título de

MANUSCRIPTOS DE STENIO



BAHIA  
IMPRESA ECONOMICA

22 — Rua dos Algibeles — 22

01

—  
1876

BIBLIOTECA SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob o n.º \_\_\_\_\_

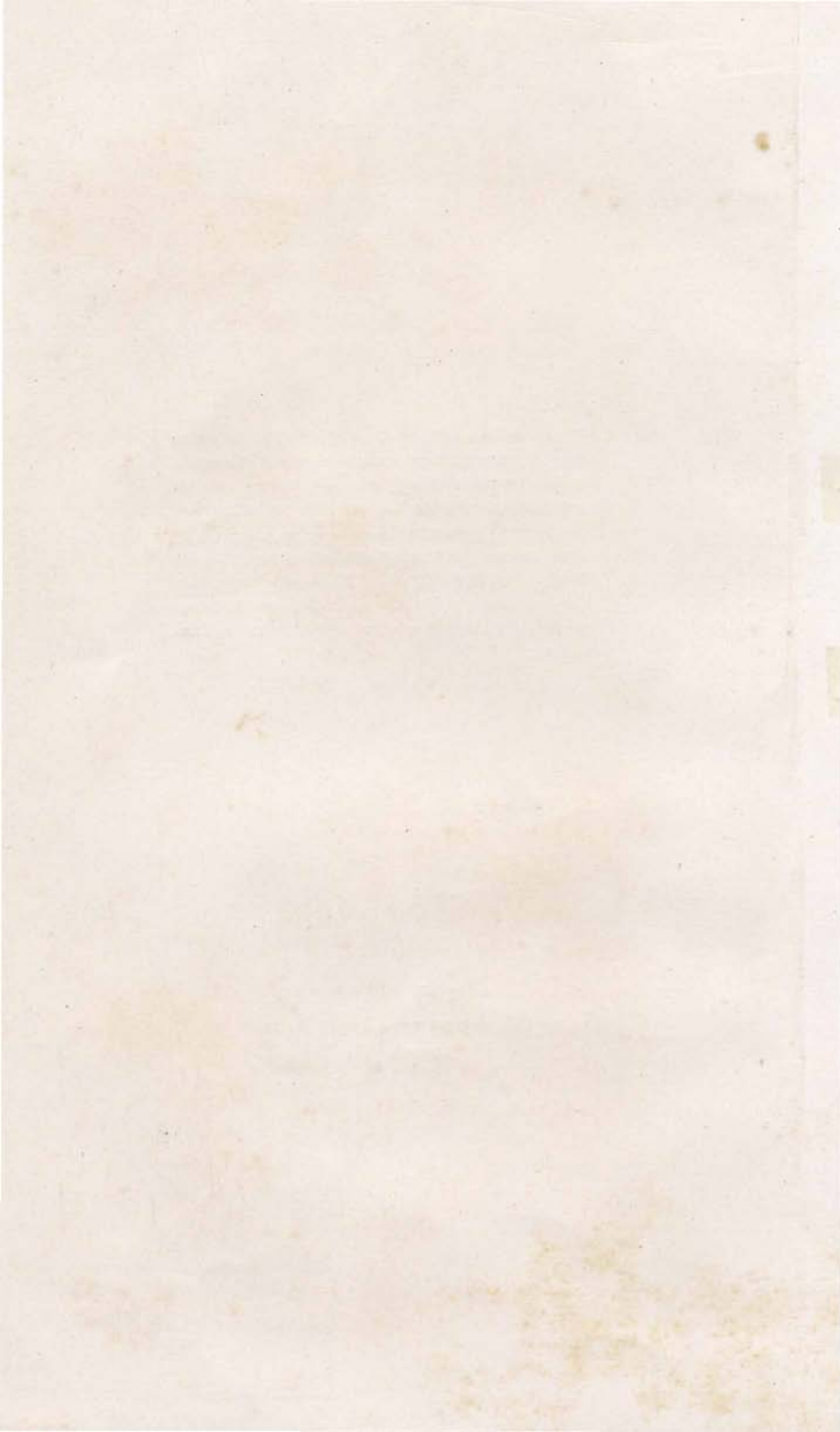


Je ne sais vraiment si j'aurai mérité qu'on dépose un jour un laurier sur mon cercueil. La poésie, quelque soit mon amour pour elle, n'a toujours été pour moi qu'un moyen consacré pour un but saint.

Je n'ai jamais attaché un trop grand prix à la gloire de mes poèmes, et peu m'importe qu'on les loue, ou qu'on les blâme. Mais ce sera un glaive, que vous devez placer sur ma tombe, car j'ai été un brave soldat dans la guerre de délivrance de l'humanité.

02

H. HEINE (*Reisebilder*).



## A TARDE

---

**E**RA a hora em que a tarde se debruça  
Lá da rista das serras mais remotas...  
E d'araponga o canto, que soluça,  
Acorda os echos nas sombrias grotas ;  
Quando sobre a lagoa, que s'embuça,  
Passa o bando selvagem das gaivotas...  
E a onça sobre as lapas salta urrando  
Da cordilheira os visos abalando.

*crista*

Era a hora, em que os cardos rumorejam,  
Como um abrir de boccas inspiradas,  
E os angicos as comas espanejam  
Pelos dedos das auras perfumadas...  
A hora, em que as gardenias, que se beijam,  
São timidas, medrosas desposadas ;  
E a pedra .. a flor... as selvas... os condores  
Gagueijam .. fallam... cantam seus amores !

Hora meiga da tarde ! Como és bella  
Quando surges do azul da zona ardente !  
— Tu és do ceu a pallida donzella,  
Que se banha nas thermas do oriente...,  
Quando é gotta do banho cada estrella,  
Que te rola da espadua refulgente...  
E — prendendo-te a transa a meia lua  
Te enrolas em neblinas semi-núa !...

Eu amo-te, ó mimosa do infinito !  
Tu me lembras o tempo, em que era infante.  
Inda adora-te o peito do precito  
No meio do martyrio excruciante ;



E, se não te dá mais da infancia o grito  
Que menino elevava-te arrogante,  
É que agora os martyrios foram tantos,  
Que mesmo para o riso só tem prantos !...

Mas não me esqueço nunca dos fragedos  
Onde infante selvagem me guiavas,  
E os ninhos do *soffrer* que entre os sylvedos  
Da embaiba nos ramos me apontavas ;  
Nem mais tarde, dos languidos segredos  
Do amor do nenuphar que enamoravas...  
E as transas mulheris da granadilha !...  
E os abraços fogosos da baunilha !...

E te amei tanto — cheia de harmonias,  
A murmurar os cantos da serrana,  
A lustrar o broquel das serranias, —  
A dourar dos rendeiros a cabana...  
E te amei tanto — á flor das agoas frias —  
Da lagôa agitando a verde canna,  
Que sonhava morrer entre os palmares,  
Fitando o ceu ao tom dos teus cantares !...  
04

Mas hoje, da procella aos estridores,  
Sublime, desgrenhada sobre o monte,  
Eu quizera fitar-te entre os condores  
Das nuvens arruivadas do horizonte...  
— Para então —, do relampago aos livores,  
Que descobrem do espaço a larga fronte,  
Contemplando o infinito... na floresta,  
Rolar ao som da funeral orchestra!!

---

## M A R I A

---

**O**NDE vaes á tardesinha,  
Mucama tão bonitinha,  
Morena flor do sertão ?  
A gramma um beijo te furta  
Por baixo da saia curta,  
Que a perna te esconde em vão...

Mimosa flor das escravas !  
O bando das rôlas bravas  
Voou com medo de ti !...  
Levas hoje algum segredo..  
Pois te voltaste com medo  
Ao grito do *bem-te-vi*.

Serão amores devéras ?  
Ah ! Quem dessas primaveras  
Podesse a flor apanhar !  
E contigo, ao tom d'aragem,  
Sonhar na rêde selvagem...  
A' sombra do azul palmar !

Bem feliz quem na viola  
Te ouvisse a moda hespanhola  
Da lua ao frouxo clarão...  
Com a luz dos astros — por cirios,  
Por leito — um leito de lyrios...  
E por tenda a solidão !

.....

## O BAILE NA FLOR

---

**Q**UE bellas as margens do rio possante,  
Que ao largo espumante campêa sem par!...  
Ali das bromelias nas flores douradas  
Ha sylphos e fadas, que fazem seu lar...

E em lindos cardumes  
Subtis vagalumes  
Accendem os lumes  
P'ra o baile na flor.



E então nas arcadas  
Das pet'las douradas  
Os grillos em festa  
Começam na orchestra  
Febris á tocar...

E as breves  
Phalenas  
Vão leves,  
Serenas,  
Em bando  
Girando,  
Walsando  
Voando  
No ar !...

---

## NA MARGEM

---

VAMOS! vamos ! Aqui por entre os juncos  
Eil-a a cama, em que eu pequena outr'ora  
Voava nas marêtas... Quando o vento,  
Abrindo o peito á camisinha humida,  
Pela testa enrolava-me os cabellos,  
Ella voava qual marêta brava  
No dorso crespo da feral enchente !

*cama*

Voga, minha canôa ! Voga ao largo !  
Deixa a praia, onde a vaga morde os juncos,  
Como na matta os caititús bravios...

Filha das ondas ! andorinha arisca !  
Tu, que outr'ora levavas minha infancia  
— Pulando alegre no espumante dorso  
Dos cães marinhos a morder-te a prôa —,  
Leva-me agora a mocidade triste  
Pelos ermos do rio ao longe... ao longe...

Assim dizia a Escrava...

Iam cahindo

Dos dedos do crepuse'lo os véus de sombra,  
Com que a terra se vela, como noiva,  
Para o doce hymeneu das noites limpidas...

Lá no meio do rio, que scintilla,  
Como o dorso de enorme crocodillo,  
Já manso e manso escôa-se a canôa.

La by  
deux

Parecia, assim vista ao sol poente,  
Esses ninhos, que tombam sobre o rio,  
E onde em meio das flores vão chilrando  
— Alegres sobre o abysmo — os passarinhos !..

.....

Tu guardas algum segredo ?...

Maria, estás á chorar !  
Onde vás ? Porque assim foges  
Rio á baixo á deslisar ?

Pedra, não tens o teu musgo ?

Não tens um favonio — flor ?  
Estrella — não tens um lago ?  
Mulher — não tens um amor ?





## A QUEIMADA

---

**M**EU nobre perdigueiro ! vem comigo.  
Vamos a sós, meu corajoso amigo,  
Pelos ermos vagar !  
Vamos lá dos geraes, que o vento açoita,  
Dos verdes capinaes n'agreste moita  
A perdiz levantar ! . . .

Mas não !.. Pousa a cabeça em meus joelhos...  
Aqui, meu cão !... Já de listrões vermelhos  
O céu se illuminou.  
Eis subito, da barra do occidente,  
Doudo, rubro, veloz, incandescente,  
O incendio que acordon !

A floresta rugindo as comas curva...  
As azas foscas o gavião recurva,  
Espantado a gritar.  
O estampido estupendo das queimadas  
Se enrola de quebradas em quebradas  
Galopando no ar.

E a chamma lavra qual giboia informe,  
Que, no espaço vibrando a cauda enorme,  
Ferra os dentes no chão...  
Nas rubras roscas *estorteja* as mattas...  
Que espadanam o sangue das cascatas  
Do roto coração !...

O incendio — leão ruivo, ensanguentado,  
A juba, a crina atira desgrenhado  
Aos pampeiros dos céus ! . . .  
Travou-se o pugilato . . . e o cedro tomba . . .  
Queimado . . . retorcendo na hecatomba  
Os braços para Deus.

A queimada ! A queimada é uma fornalha !  
A hirara pula ; o cascavel chocalha . . .  
Raiva, espuma o tapir !  
E ás vezes sobre o cume de um rochedo  
A corça e o tigre — naufragos do medo —  
Vão tremulos se unir !

Então passa-se ali um drama augusto . . .  
N'ultimo ramo do páu d'arco adusto  
O jaguar se abrigou . . .  
Mas rubro é o céu . . . Recresce o fogo em mares,  
E após tombam as selvas seculares . . .  
E tudo se acabou ! . . .



## LUCAS

---

**Q**UEM fosse n'aquella hora,  
Sobre algum tronco lascado,  
Sentar-se no descampado  
Da solitaria ladeira,  
Veria descer da serra,  
Onde o incendio vae sangrento,  
A passo tardio e lento,  
Um bello escravo da terra  
Cheio de viço e valor. . .



Era o filho das florestas !  
Era o escravo lenhador !

Que bella testa espaçosa,  
E sob o chapéu de couro  
Que cabelleira abundante !  
De marchetada giboia  
Pende-lhe a rasto o facão . . .  
E assim . . . erguendo o machado  
Na breve e robusta mão . . .  
Aquelle vulto soberbo,  
—Vivamente alumiado,  
Atravessa o descampado,  
Como uma estatua de bronze,  
Do incendio ao fulo clarão.

Desceu a encosta do monte,  
Tomou do rio o caminho . . .  
E foi cantando baixinho,  
Como quem canta p'ra si.

Era uma dessas cantigas  
Que elle um dia improvisara,  
Quando junto da coivára  
Faz-se o escravo — trovador ;  
Era um canto languoroso,  
Selvagem, bello, vivace,  
Como o caniço que nasce  
Sob os raios do Equador.

Eu gosto dessas cantigas,  
Que me vem lembrar a infancia ;  
São minhas velhas amigas,  
Por ellas morro de amor...  
Deixae ouvir a toada  
Do captivo lenhador.

E o sertanejo assim solta a tyrana  
Descendo lento p'ra a servil cabana :

T Y R A N A

« Minha Maria é bonita,  
Tão bonita assim não ha ;  
O beija-flor quando passa  
Julga ver o manacá.

« Minha Maria é morena  
Como as tardes de verão ;  
Tem as tranças da palmeira  
Quando sopra a viração.

« Companheiros ! o meu peito  
Era um ninho sem senhor ;  
Hoje tem um passarinho  
P'ra cantar o seu amor.

« Trovadores da floresta !  
Não digam a ninguém, não !..  
Que Maria é a baunilha  
Que me prende o coração.

« Quando eu morrer só me enterrem  
Junto ás palmeiras do val,  
Para eu pensar que é Maria  
Que geme no taquaral... »  
13





## A SENZALA

---

**Q**UAL o veado, que buscou o aprisco,  
Balindo arisco, para a serra corre...  
Ou como pombo, que os arrullos solta,  
Se ao ninho volta quando a tarde morre...

Assim, cantando a pastoril ballada,  
Já na explanada o lenhador chegou.  
Para a cabana da gentil Maria  
Com que alegria a suspirar marchou!

Eil-a a casinha... tão pequena e bella !  
Como é singela com seus brancos muros !  
Que liso tecto de sapé dourado !  
Que ar engraçado ! que perfumes puros !

Abre a janella para o campo verde,  
Que alem se perde pelos serros nús...  
A testa enfeitada da infantil choupana  
Verde liana de festões aznes.

E este o galho da rolinha brava,  
Aonde a escrava seu viver abriga...  
Canta a jandaia sobre a curva rama  
E alegre chama sua dona amiga.

Aqui n'aurora, abandonando os ninhos,  
Os passarinhos vem pedir-lhe pão ;  
Pousam-lhe alegres nos cabellos bastos,  
Nos seios castos, na pequena mão.

Eis o painel encantado,  
Que eu quíz pintar, mas não pude...  
Lucas melhor o traçara  
Na canção suave e rude...  
Vêde que olhar, que sorriso  
S'espande no bronzeo rosto,  
Vendo o lar do seu amor...  
Ai ! Da luz do Paraizo  
Bate-lhe em cheio o fulgor.



## DIALOGO DOS ECHOS

---

**E** chegou-se p'ra a vivenda  
Risonho, calmo, feliz...  
Escutou... mas só ao longe  
Cantavam as juritis...  
Murmurou : « Vou surp'rendel-a ! »  
E a porta ao toque cedeu...  
« Talvez agora sonhando  
Diz meu nome o labio seu,  
Que a dormir nada prevê... »  
E o echo responde : — Vê !...

« Como a casa está tão triste !  
Que aperto no coração !...  
Maria !... Ninguém responde !  
Maria, não ouves, não ?...  
Aqui vejo uma saudade—  
Nos braços de sua cruz...  
Que querem dizer taes prantos,  
Que rolaram tantos, tantos  
Sobre as faces da saudade,  
Sobre os braços de Jesus ?...  
Oh ! quem me empresta uma luz ?...  
Quem me arranca a anciedade,  
Que no meu peito nasceu ?  
Quem d'este negro mysterio  
Me rasga o sombrio veu ?... »

E o echo responde : — Eu !...

E chegou-se para o leito  
Da casta flor do sertão...  
Apertou co'a mão convulsa



O punhal e o coração !...  
Stava inda tepido o ninho  
Cheio de aromas suaves...  
E — como a penna, que as aves  
Deixam no musgo ao voar — .  
Um anel de seus cabellos  
Jazia cortado á esmo  
Como reliquia no altar !...  
Talvez prendendo nos élos  
Mil suspiros, mil anhelos,  
Mil soluços, mil desvellos,  
Que ella deu-lhes p'ra guardar !...

E o pranto em baga á rolar...

« Onde a pomba foi perder-se?  
Que ceu minha estrella encerra?  
Maria, pobre creança,  
Que fazes tu sobre a terra? »

E o echo responde — Erra !

« Partiste ! Nem te lembraste  
D'este martyrio sem fim !...  
Não ! perdôa... tu choraste  
E os prantos, que derramaste,  
Foram vertidos por mim...  
Houve pois um braço extranho  
Robusto, feroz, tamanho,  
Que poude esmagar-te assim ?... »

E o echo responde — Sim !

E rugiu : « Vingança ! guerra !  
Pela flor, que me deixaste,  
Pela cruz, em que resaste,  
E que teus prantos encerra !  
Eu juro guerra de morte  
Á quem feriu desta sorte  
O anjo puro da terra...  
Vê como este braço é forte !  
Vê como é rijo este ferro !  
Meu golpe é certo... não erro.

Onde ha sangue, sangue escorre !...  
Villão ! Deste ferro e braço,  
Nem a terra, nem o espaço,  
Nem mesmo Deus te soccorre !!... »

E o echo responde — Corre !

Como o cão elle em torno o ar aspira,  
Depois se orientou ;  
Fareja as hervas... descobriu a pista  
E rapido marchou.

.....

No entanto sobre as aguas, que scintillam,  
Como o dorso de enorme crocodillo,  
Já manso e manso escôa-se a canôa ;  
Parecia assim vista — ao sol poente —  
Esses ninhos, que o vento lança ás aguas,  
E que na enchente vão boiando á tóa !...  
18



## O NADADOR

---

**E**IL-O que ao rio arroja-se ;  
As vagas bipartiram-se ;  
Mas rijas contrahiram-se  
Por sobre o nadador . . .  
Depois s'entrea bre lugubre  
Um circulo symbolico . . .  
É o riso diabolico  
Do pego zombador !

Mas não ! Do abysmo indomito  
Surge-me um rosto pallido,  
Como o Neptuno esqualido  
Que amaina a crina ao mar ;  
Fita o batel longinquo  
Na sombra do crepusculo,  
Rasga com ferreo musculo  
O rio par á par.

Vagas ! Dalilas perfidas !  
Moças, que abris um tumulo,  
Quando do amor no cumulo  
Fingis nos abraçar !  
O nadador intrepido  
Vos toca as tétas cerulas...  
E após — zombando — as perolas  
Vos quebra do collar.

Vagas, curvae-vos timidias !  
Abri fileiras pavidias  
Ás mãos possantes, avidias  
Do nadador audaz,



Bello de força olympica  
— Soltos cabellos humidos —  
Braços herculeos, tumidos...  
É o rei dos vendavaes !

Mas ai ! Lá rugge proxima  
A correnteza horrida,  
Como da zona torrida  
A boicinga á urrar...  
É lá que o rio indomito,  
Como o corcel da Ukrania,  
Rincha á saltar de insania,  
Freme e se atira ao mar.

Tremeste ? Não, qu'importa-te  
Da correnteza o estridulo ?  
Se ao longe vês teu idolo,  
Ao longe irás tambem...  
Salta á garupa humida  
Deste corcel titanico...  
— Novo Mazzeppa oceanico —  
Alem ! alem ! alem !...  
20



## NO BARCO

---

—**L**UCAS ! — Maria ! murmuraram juntos...  
E a moça em pranto lhe cahiu nos braços.  
Jamais a parasita em floeos laços  
Assim ligou-se ao piquiá robusto...

Eram-lhe as transas á cair no busto  
Os esparsos festões da granadilha.  
Tepido aljofar o seu pranto brilha,  
Depois resvala no moreno seio ..

Oh ! doces horas de suave enleio !  
Quando o peito da virgem mais arqueja,  
Como o casal da rola sertaneja,  
Se a ventania lhe sacode o ninho.

Contae, ó brisas, mas contae baixinho !  
Passae, ó vagas . . . , mas passae de manso !  
Não perturbeis-lhe o placido remanso,  
Vozes do ar ! emanações do rio !

« Maria, falla ! » — « Que accordar sombrio »,  
Murmura a triste com um sorriso louco,  
« No Paraizo eu descansava um pouco . . .  
Tu me fizeste despertar na vida . . .

« Porque não me deixaste assim pendida  
Morrer co'a fronte occulta no teu peito ?  
Lembrei-me os sonhos do materno leito  
Nesse momento divinal . . . Qu'importa ? . . .

« Toda esperança para mim 'stá morta...  
Sou flor manchada por cruel serpente...  
Só de encontro nas rochas pode a enchente  
Lavar-me as nodoas, m'esfolhando a vida.

« Deixa-me ! Deixa-me á vagar perdida...  
Tu ! — parte ! volve para os lares teus.  
Nada perguntas... é um segredo horrivel...  
Eu te amo ainda... mas agora — adeus ! »  
2,2

---





## A D E U S

---

— **A**DEUS — Ai ! creança ingrata !  
Pois tu me disseste — adeus — ?  
Loucura ! melhor seria  
Separar a terra e os ceus.

« — Adeus ! — palavra sombria !  
De uma alma gelada e fria  
És a derradeira flor.

— Adeus ! — miseria ! mentira  
De um seio, que não suspira,  
De um coração sem amor.

« Ai, Senhor ! A rola agreste  
Morre se o par lhe faltou.  
O raio que abraza o cedro  
A parasita abrasou.

« O astro namora o orvalho :  
— Um é a estrella do galho,  
— Outro o orvalho da amplidão.

Mas, á luz do sol nascente,  
Morre a estrella — no poente !  
O orvalho — morre no chão !

« Nunca as neblinas do valle  
Souberam dizer-se — adeus —  
Se unidas partem da terra,  
Perdem-se unidas nos ceus.

« A onda expira na plaga,  
Porem vem logo outra vaga  
P'ra morrer da mesma dor...

— Adeus — palavra sombria !  
Não digas — adeus — , Maria !  
Ou não me falles de amor ! »  
24

---



## MUDO E QUEDO

---

**E** CALADO ficou... Do pranto as bagas  
Pelo moreno rosto deslisaram,  
Qual da b'raúna, que o machado fere,  
Lágrimas saltam de um sabor amargo.

Mudos, quedos os dous neste momento  
Mergulhavam no dedalo da angustia,  
No labyrintho escuro da desgraça...  
Labyrintho sem luz, sem ar, sem fio...

Que dor, que drama torvo de agonias  
Não vae n'aquellas almas !... Dor sombria  
De ver quebrado aquelle amor tão santo,  
De lembrar que o passado está passado... ,  
Que a esperança morreu, que surge a morte !...  
Tanta illusão !.. tanta caricia meiga !..  
Tanto castello de ventura feito  
A' beira do riacho, ou na campanha !..  
Tanto extase innocente de amorosos !..  
Tanto beijo na porta da choupana,  
Quando a lua invejosa no infinito  
Com uma benção de luz sagrava os noivos !..

Não mais ! não mais ! O raio, quando esgalha  
O ipé secular, atira ao longe  
Flores, que ha pouco se beijavam n'hastea,  
Que unidas nascem, juntas viver pensam,  
E que jamais na terra hão de encontrar-se.

Passou-se muito tempo... Rio á baixo  
A canôa corria ao tom das vagas.



De repente elle ergueu-se hirto, severo,  
— O olhar em fogo, o riso convulsivo —  
Em golfadas lançando a voz do peito !...

« Maria ! diz-me tudo... Falla ! falla  
Em quanto eu posso ouvir... Creança, escuta !  
Não vês o rio ?... é negro !.. é um leito fundo...  
A correnteza estrepitando arrasta  
Uma palmeira, quanto mais um homem !...  
Pois bem ! Do seio turgido do abysmo  
Ha de romper a maldição do morto ;  
Depois o meu cadaver negro, livido,  
Irá seguindo a esteira da canôa  
Pedir-te inda que falles, desgraçada,  
Que ao morto digas o que ao vivo occultas !... »

Era tremenda aquella dôr selvagem,  
Que rebentava emfim, partindo os diques  
Na furia desmedida !...

Em meio ás ondas

Ia Lucas rolar...

Um grito fraco,

Uma tremula mão susteve o escravo...

E a pallida creança, desvairada,

Aos pés caiu-lhe á desfazer-se em pranto.

Ella encostou-se ao peito do selvagem

— Como a violeta, as faces escondendo

Sob a chuva nocturna dos cabellos — !

Lenta e sombria após contou d'est'arte

A tredo historia desse tredo crime !...

## NA FONTE

### I

« **E**RA hoje ao meio dia.  
Nem uma brisa macia  
Pela savana bravia  
Arrufava os hervações...  
Um sol de fogo abrazava ;  
Tudo a sombra procurava ;  
Só a cigarra cantava  
No tronco dos coqueiraes.

## II

« Eu cobri-me da mantilha,  
Na cabeça puz a bilha,  
Tomei do deserto a trilha,  
Que lá na fonte vae dar.  
Cançada cheguei na matta :  
Alli, na sombra, a cascata  
As alvas tranças desata  
Como ãa moça á brincar.

## III

« Era tão densa a espessura !  
Corria a brisa tão pura !  
Reinava tanta frescura,  
Que eu quiz me banhar alli.  
Olhei em roda... Era quedo  
O mato, o campo, o rochedo...  
Só nas galhas do arvoredo  
Saltava alegre o sagui.

## IV

« Junto ás agoas crystalinas  
Despi-me louca, traquinas,  
E as roupas alvas e finas  
Atirei sobre os cipós.  
Depois mirei-me innocente,  
E ri vaidosa... e contente...  
Mas voltei-me de repente...  
Como que ouvira uma voz !

## V

« Quem foi que passou ligeiro,  
Mechendo alli no engazeiro,  
E se embrenhou no balseiro,  
Rachando as folhas do chão ?...  
Quem foi ? — Da matta sombria  
Uma vermelha cotia  
Saltou timida e bravia,  
Em procura do sertão.

## VI

« Chamei-me então de creança ;  
Á meus pés a onda mansa  
Por entre os juncos s'entraça  
Como uma cobra á fugir !  
Mergulho o pé docemente ;  
Com o frio fujo á corrente...  
De um salto após de repente  
Fui dentro d'agua cair.

## VII

« Quando o sol queima as estradas,  
E nas varzeas abrasadas  
Do vento as quentes lufadas  
Erguem novellos de pó,  
Como é doce em meio as cannas,  
Sob um tecto de lianas,  
Das ondas nas espadanas  
Banhar-se despida e só !...







## NOS CAMPOS

---

«**F**UGI desvairada !  
Na moita intrincada,  
Rasgando uma estrada,  
Fugaz me embrenhei.  
Apenas vestindo  
Meus negros cabellos,  
E os seios cobrindo  
Com os tremulos dedos,  
Ligeira voei !

« Saltei as torrentes.  
Trapei dos rochedos  
Aos cimos ardentes.  
Nos invios caminhos,  
Cobertos de espinhos,  
Meus passos mesquinhos  
Com sangue marquei !

.....

« Avante ! corramos !  
Corramos ainda !...  
Da selva nos ramos  
A sombra é infinda.  
A matta possante  
Ao filho arquejante  
Não nega um abrigo...  
Corramos ainda !  
Corramos ! avante !

« Debalde ! a floresta  
— Madrasta impiedosa —

A pobre chorosa  
Não quiz abrigar !

« Pois bem ! Ao deserto !

« De novo é loucura !  
Seguindo meus traços  
Escuto seus passos  
Mais perto ! mais perto !  
Já queima-me os hombros  
Seu halito ardente.  
Já vejo-lhe a sombra  
Na humida alfombra...  
Qual negra serpente,  
Que vae de repente  
Na presa saltar !. . .

Na douda  
Corrida,  
Vencida,  
Perdida,  
Quem me ha de salvar ?

---

## NO MONTE

---

« **P**AREI... Volvi em torno os olhos assombrados...  
Ninguém ! A solidão pejava os descampados !...  
Restava inda um segundo... um só p'ra me salvar ;  
Então reuni as forças, ao ceu ergui o olhar...  
E do peito arranquei um pavoroso grito,  
Que foi bater em cheio ás portas do infinito ! [monte  
Ninguém ! Ninguém me acode... Ai ! só de monte em  
Meu grito ouvi morrer na extrema do horisonte!...  
Depois a solidão ainda mais calada  
Na mortalha envolveu a serra destampada !



« Ai ! que pode fazer a rola triste  
Se o gavião nas garras a espedaça ?  
Ai ! que faz o cabrito no deserto,  
Quando a giboia no potente aperto  
Em roscas ferreas o seu corpo enlaça ?

« Fazem, como eu . . . Resistem, batem, luctam,  
E finalmente expiram de tortura . . .  
Ou, se escapam trementes, arquejantes,  
Vão, lambendo as feridas gottejantes,  
Morrer á sombra da floresta escura ! . . .

« E agora está concluída  
Minha historia desgraçada.  
Quando cahi — era virgem,  
Quando ergui-me — deshonrada ! »

SENADO FEDERAL

BIB OTECA

## SANGUE DE AFRICANO

---

**A**QUI sombrio, fero, delirante  
Lucas ergueu-se como o tigre bravo...  
Era a estatua terrível da vingança...  
O selvagem surgiu... sumiu-se o escravo.

Crispado o braço, no punhal segura !  
Do olhar sangrentos raios lhe resaltam,  
Qual das janellas de um palacio em chammas  
As labaredas, irrompendo, saltam.

Com o gesto bravo, sacudido, fero,  
A dextra ameaçando a immensidade...  
Era um bronze de Achilles furioso  
No punho concentrando a tempestade !

No peito arcando o coração sacode  
O sangue que da raça não desmente,  
Sangue queimado pelo sol da Lybia,  
Que ora referve no Equador ardente.

---

## A M A N T E

---

« **B**ASTA, creança ! Não soluces tanto...  
Enchuga os olhos, meu amor, enchuga !  
Que culpa tem a clicia descahida  
Se abelha envenenada o mel lhe suga ?

« Basta ! Esta faca já contou mil gottas  
De lagrimas de dor nos teus olhares.  
Surri, Maria ! Ella jurou pagar-t'as  
No sangue d'elle em gottas aos milhares.

« Porque voves os olhos desvairados ?  
Porque tremes assim, fragil creança ?  
Est'alma é como o braço, o braço é ferro,  
E o ferro sabe o trilho da vingança.

« Se a justiça da terra te abandona,  
Se a justiça do céu de ti se esquece,  
A justiça do escravo está na força...  
E quem tem um punhal nada carece !...»

« Vamos ! Acaba a história... Lança a presa...  
Não vês meu coração, que sente fome ?  
Amanhã chorarás ; mas de alegria !  
Hoje é preciso me dizer — seu nome ! »

---

## A N J O

---

« **A**I ! que vale a vingança, pobre amigo,  
Se na vingança a honra não se lava ?...  
O sangue é rubro, a virgindade é branca —  
O sangue augmenta da vergonha a bava.

« Se nós fomos somente desgraçados,  
Para que miseráveis nos fazemos ?  
Deportados da terra assim perdemos  
De além da campa as regiões sem termos...  
35



« Ai! não manches no crime a tua vida,  
Meu irmão, meu amigo, meu esposo!...  
Seria negro o amor de uma perdida  
Nos braços á sorrir de um criminoso!... »



## DESESPERO

---

« **C**RIME ! Pois será crime se a giboia  
Morde silvando a planta, que a esmagara ?  
Pois será crime se o jaguar nos dentes  
Quebra do indio a perfida taquara ?

« E nós que somos, pois ? Homens ? Loucura !  
Familia, leis e Deus lhes coube em sorte.  
A familia no lar, a lei no mundo . . .  
E os anjos do Senhor depois da morte.

« Tres leitos, que succedem-se macios,  
Onde rolam na santa ociosidade...  
O pae o embala... a lei o acaricia...  
O padre lhe abre a porta á eternidade.

« Sim ! Nós somos reptis... Qu'importa a especie ?  
— A lesma é vil, — o cascavel é bravo.  
E vens fallar de crimes ao captivo ?  
Então não sabes o que é ser escravo !...

« Ser escravo — é nascer no alcouce escuro  
Dos seios infamados da vendida...  
Filho da perdição no berço impuro  
Sem leite para a bocca resequida...  
É mais tarde, nas sombras do futuro,  
Não descobrir estrellá foragida...  
É ver — viajante morto de cansaço —  
A terra — sem amor !... sem Deus — o espaço !

« Ser escravo — é, dos homens repellido,  
Ser tambem repellido pela fera ;  
Sendo dos dous irmãos pasto querido,  
Que o tigre come e o homem dilacera...  
— É do lodo no lodo sacudido  
Ver que aqui ou além nada o espera,  
Que em cada leito novo ha mancha nova...  
No berço... após no tóro... após na cova !...

« Crime ! Quem te fallon, pobre Maria,  
Desta palavra estúpida ?... Descansa !  
Foram elles talvez ? !... É zombaria...  
Escarnecem de ti, pobre creança !  
Pois não vês que morremos todo dia  
Debaixo do chicote, que não cansa ?  
Em quanto do assassino a fronte calma  
Não revela um remorso de sua alma ?

« Não ! Tudo isto é mentira ! O que é verdade  
É que os infames tudo me roubaram...

Esperança, trabalho, liberdade  
Entreguei-lhes em vão... não se fartaram.  
Quizeram mais... Fatal voracidade !  
Nos dentes meu amor espedaçaram...  
Maria ! Ultima estrella de minh'alma !  
O que é feito de tí, virgem sem palma ?

« Pomba — em teu ninho as serpes te morderam.  
Folha — rolaste no paul sombrio.  
Palmeira — as ventanias te romperam.  
Corça — afogaram-te as caudaes do rio.  
Pobre flor — no teu calice beberam,  
Deixando-o depois triste e vazio...  
— E tu, irmã ! e mãe ! e amante minha !  
Queres que eu guarde a faca na bainha !

« Ó minha mãe ! ó martyr africana,  
Que morreste de dor no captiveiro !  
Ai ! sem quebrar aquella jura insana,  
Que jurei no teu leito derradeiro,

No sangue desta raça impia, tyranna  
Teu filho vae vingar um povo inteiro !...  
Vamos, Maria ! Cumpra-se o destino...  
Dize ! dize-me o nome do assassino !... »

---

« Virgem das Dores  
Vem dar-me alento,  
Neste momento  
De agro soffrer !  
Para occultar-ihe  
Busquei a morte...  
Mas vence a sorte,  
Deve assim ser.

.....

« Pois que seja ! Debalde pedi-te,  
Ai ! de balde a teus pés me rojei...  
Porem antes escuta esta historia...  
Depois della... o seu nome dirci ! »





## HISTORIA DE UM CRIME

---

« **F**AZEM hoje muitos annos  
Que de uma escura senzala  
Na estreita e lodosa sala  
Arquejava ãa mulher.  
Lá fora por entre as urzes  
O vendaval s'extorcia . . .  
E aquella triste agonia  
Vinha mais triste fazer.



« A pobre soffria muito.  
Do peito cançado, exangue,  
A's vezes rompia o sangue  
E lhe inundava os lençóis.  
Então, como quem se agarra  
A's ultimas esperanças,  
Duas pavidas creanças  
Ella olhava... e ria após.

« Que olhar ! que olhar tão extenso !  
Que olhar tão triste e profundo !  
Vinha já de um outro mundo,  
Vinha talvez lá do céu.  
Era o raio derradeiro,  
Que a lua, quando se apaga,  
Manda por cima da vaga  
Da espuma por entre o véu.

« Ainda me lembro agora  
Daquella noite sombria,

Em que ãa mulher morria  
Sem rezas, sem oração ! . . .  
Por padre — duas creanças . . .  
E apenas por sentinella  
Do Christo a face amarella  
No meio da escuridão.

« A's vezes n'aquella fronte  
Como que a morte pousava  
E da agonia aljofrava  
O derradeiro suor . . .  
Depois acordava a martyr,  
Como quem tem um segredo . . .  
Ouvia em torno com medo,  
Com susto olhava em redor.

« Emfim, quando noite velha  
Pesava sobre a mansarda,  
E somente o cão de guarda  
Ladrava aos ermos sem fim,  
40

Ella, nos braços sangrentos  
As creanças apertando,  
N'um tom meigo, triste e brando  
Poz-se a fallar-lhes assim :

## ULTIMO ABRAÇO

---

« **F**ILHO, adeus ! Já sinto a morte,  
Que me esfria o coração.  
Vem cá... Dá-me a tua mão...  
Bem vês que nem mesmo tu  
Podes dar-lhe novo alento !...  
Filho, é o ultimo momento...  
A morte — a separação !  
Ao desamparo, sem ninho,  
Ficas, pobre passarinho,

Neste deserto profundo,  
Pequeno, captivo e nú !...

« Que sina, meu Deus ! que sina  
Foi a minha neste mundo !  
Presa ao céu — pelo desejo,  
Presa á terra — pelo amor !...  
Que importa ! é tua vontade ?  
Pois seja feita, Senhor !

« Pequei !... foi grande o meu crime,  
Mas é maior o castigo...  
Ai ! não bastava a amargura  
Das noites ao desabrigo ;  
De espedaçarem-me as carnes  
O tronco, o açoite, a tortura,  
De tudo quanto soffri.  
Era preciso mais dores,  
Inda maior sacrificio...  
Filho ! bem vês meu supplicio...  
Vão separar-me de ti !

« Chega-te perto... mais perto ;  
Nas trevas procura ver-te  
Meu olhar, que treme incerto,  
Perturbado, vacillante...  
Deixa em meus braços prender-te  
P'ra não morrer neste instante ;  
Inda tenho que fazer-te  
Uma triste confissão...  
Vou revelar-te um segredo  
Tão negro, que tenho medo  
De não ter o teu perdão !... »

Mas não !

Quando um padre nos perdôa,  
Quando Deus tem piedade,  
De um filho no coração  
Uma mãe não bate á tóa.





## MÃE PENITENTE

---

« Ouve-me, pois !... Eu fui uma perdida ;  
Foi este o meu destino, a minha sorte...  
Por esse crime é que hoje perco a vida,  
Mas delle em breve ha de salvar-me a morte !

« E minh'alma, bem vês, que não se irrita,  
Antes bemdiz estes mandões ferozes.  
Eu seria talvez por ti maldita,  
Filho ! sem o baptismo dos algozes !

« Porque eu pequei... e do peccado escuro  
Tu foste o fructo candido innocente,  
— Borboleta, que sae do lodo impuro...  
— Rosa, que sae de — putrida semente !

« Filho ! Bem vês... fiz o maior dos crimes :  
— Criei um ente para a dor e a fome !  
Do teu berço escrevi nos brancos vimes  
O nome de bastardo — impuro nome.

« Por isso agora tua mãe te implora  
E á teus pés de joelhos se debruça.  
Perdôa á triste — que de angustia chora,  
Perdôa á martyr — que de dor soluça !

« Mas um gemido á meus ouvidos sôa...  
Que pranto é este que em meu seio rola ?  
Meu Deus, é o pranto seu que me perdôa...  
Filho, obrigada pela tua esmola ! »

## O SEGREDO

---

«**A**GORA vou dizer-te porque morro ;  
Mas has de jurar primeiro,  
Que jamais tuas mãos innocentes  
Ferirão meu algoz derradeiro...  
Meu filho, eu fui a victima  
Da raiva e do ciume.  
Matou-me como um tigre carniceiro,  
Bem vês,

Uma branca mulher, que em si resume  
Do tigre — a malvadez,  
Do cascavel — o rancor !...

Deixo-te pois...

— Um grito de vingança ?

— Não, pobre creança !...

Um crime á perdoar... o que é melhor !...

« Depois, teve razão... Esta mulher  
É tua e minha *senhora* !...

.....

« Lucas, silencio ! que por ella implora  
Teu pae... e teu irmão !...

« Teu irmão, que é seu filho... (ó magoa e dor!)  
Teu pae — que é seu marido... e teu senhor !...

« Juras não te vingar ? — Ó mãe, eu juro  
Por ti, pelos beijos teus !

« — Obrigada ! agora . . . agora  
Já nada mais me demora . . .  
Deus ! — recebe a peccadora !  
Filho ! — recebe este adeus ! » —

---

Quando, rompendo as barras do oriente,  
A estrella da manhã mais desmaiava,  
E o vento da floresta ao céu levava  
O canto jovial do *bem-te-vi* ;  
Na casinha de palha uma creança,  
Da defunta abraçando o corpo frio,  
Murmurava chorando em desvario :  
— Eu não me vingó, ó mãe... juro por ti !.. —

---

Maria calou-se . . . Na fronte do escravo  
Suor de agonia gelado passou ;  
Com riso convulso murmura : « Que importa  
Se o filho da escrava na campa jurou ? ! . . .

12 45

« Que tem o passado com o crime de agora ?  
Que tem a vingança, que tem com o perdão ? »  
E como arrancando do craneo uma idéa  
Na fronte corria-lhe a gelida mão . . .

« Esquece o passado ! . . . Que morra no olvido . . .  
Ou antes relembra-o cruento, feroz !  
Legenda de lodo, de horror e de crimes  
E gritos de victima e risos de algoz !

« No frio da cova que jaz na esplanada,  
— Vingança — murmuram os ossos dos meus ! »

-- « Não ouves um canto, que passa nos ares ?  
— Perdôa ! — respondem as almas nos ceús !

— « São longos gemidos do seio materno  
Lembrando essa noite de horror e traição ! »

— « É o flebil suspiro do vento, que outr'ora  
Bebera nos labios da morta o perdão ! . . . »



E descaiu profundo  
Em longo meditar . . .  
Após sombrio e fero  
Viram-n'ó murmurar :

« Mãe ! na região longinqua  
Onde tua alma vive,  
Sabes que eu nunca tive  
Um pensamento vil.  
Sabes que esta alma livre  
Por ti curvou-se escrava ;  
E devorou a bava . . .  
E tigre — foi reptil !

« Nem um tremor correra-me  
A face fustigada !  
Beijei a mão armada  
Com o ferro que a feriu . . .  
Filho, de um pae miserrimo  
Fui o fiel rafeiro . . .  
Caim, irmão traiçoeiro !  
Feriste . . . e Abel sorriu,  
46



« De tanto horror o cumulo,  
Ó mãe, alma celeste,  
Se perdoar quizeste,  
Eu perdoei tambem.  
Sanctificaste os miseros ;  
Curvei-me reverente .  
A *elles* tão somente,  
Somente... á mais ninguém !

« Ninguém ! que á nada humilho-me  
Na terra, nem no espaço !...  
Pode ferir meu braço...  
— « Lucas ! não pode, não !  
Misero ! a mão que abrira  
De tua mãe a cova...  
O golpe hoje renova !...  
Mata-me !... É teu irmão !... »

.....

## CREPUSCULO SERTANEJO

---

A TARDE morria ! Nas agnas barrentas  
As sombras das margens deitavam-se longas ;  
Na esguia atalaia das arvores seccas  
Ouvia-se um triste chorar de arapongas.

A tarde morria ! Dos ramos, das lascas,  
Das pedras, do lichen, das heras, dos cardos,  
As trevas rasteiras com o ventre por terra  
Sahiam, quaes negros, crueis leopardos.

A tarde morria ! Mais funda nas aguas  
Lavava-se a galha do escuro engazeiro...  
Ao fresco arrepio dos ventos cortantes  
Em musico estalo rangia o coqueiro.

Sussurro profundo ! Marulho gigante !  
Talvez um silencio !... Talvez uma orchestra...  
Da folha, do calix, das azas, do insecto...  
Do atomo á estrella... do verme — á floresta !...

As garças mettiam o bico vermelho  
Por baixo das azas — da brisa ao açoite ;  
E a terra na vaga de azul do infinito  
Cobria a cabeça co'as pennas da noite !

Somente por vezes, dos jungles das bordas  
Dos golfos enormes d'aquella paragem,  
Erguia a cabeça surpreso, inquieto,  
Coberto de limos — um touro selvagem.

Então as marrecas, em torno boiando,  
O vôo encurvavam medrosas, á tóa...  
E o tímido bando pedindo outras praias  
Passava gritando por sobre a canôa !...  
48

.....

---



## O BANDOLIM DA DESGRAÇA

---

**Q**UANDO de amor a Americana douda  
A moda tange na febril viola,  
E a mão febreanta sobre a corda fina  
Nervosa, ardente, sacudida rola,

A gusla geme, s'estorcendo em ancias,  
Rompem gemidos do instrumento em pranto...  
Chôro indizível... comprimir de peitos...  
Queixas, soluços... desvairado canto!

E mais dorida a melodia arqueja !  
E mais nervosa corre a mão nas cordas ! ..  
Ai ! tem piedade das creanças louras  
Que soluçando no instrumento acordas !...

« Ai ! tem piedade dos meus seios tremulos... »  
Diz estalando o bandolim queixoso.  
... E a mão palpita-lhe apertando as fibras...  
E fere, e fere em dedilhar nervoso !...

Sobre o regaço da mulher trigueira  
Douda, cruel, a execução delira !...  
Então — co'as unhas cor de rosa, a moça,  
Quebrando as cordas, o instrumento atira !...

.....

Assim, desgraça, quando tu, maldicta !  
As cordas d'alma delirante vibras... ,  
Como os teus dedos espedaçam rijos  
Uma por uma do infeliz as fibras !



— Basta —, murmura esse instrumento vivo.  
— Basta —, murmura o coração rangendo.  
E tu, no entanto, n'um rasgar de arterias,  
Feres lasciva em dedilhar tremendo.

Crença, esperança, mocidade e gloria,  
Aos teus harpejos, — gemebundas morrem !...  
Resta uma corda... — a dos amores puros...  
E mais ardentes os teus dedos correm !...

E quando farta a cortezã cançada  
A pobre gusla no tapete atira,  
Que resta ?... — ãa alma, que não tem mais vida !  
Olhos sem pranto ! desmontada lyra !...  
50

---



## A CANOA PHANTASTICA

---

**P**ELAS sombras temerosas  
Onde vae esta canôa ?  
Vae tripolada ou perdida ?  
Vae ao certo ou váe á tôa ?

Semelha um tronco gigante  
De palmeira, que s'escôa...  
No dorso da correnteza,  
Como boia esta canôa !...  
51

Mas não branqueja-lhe a vela !  
N'agua o remo não resôa !  
Serão phantasmas, que descem  
Na solitaria canôa ?

Que vulto é este sombrio  
Gelado, immovel na prôa ?  
Dir-se-hia o genio das sombras  
Do inferno sobre a canôa !...

Foi visão ? Pobre creança !  
Á luz, que dos astros cõa,  
É teu, Maria, o cadaver,  
Que desce nesta canôa ?

Cahida, pallida, branca !...  
Não ha quem d'ella se dôa ? !...  
Vão-lhe os cabellos á rastos  
Pela esteira da canôa !...

E as flores roseas dos golfos,  
— Pobres flores da lagôa,  
Enrolam-se em seus cabellos  
E vão seguindo a canôa !...  
51

.....

---



## O SÃO FRANCISCO

---

**L**ONGE, bem longe dos cantões bravios,  
Abrindo em alas os barrancos fundos ;  
Dourando o collo aos perennaes estios,  
Que o sol atira nos modernos mundos ;  
Por entre a grita dos feraes gentios,  
Que acampam sob os palmeiraes profundos ;  
Do São Francisco a soberana vaga  
Leguas e leguas triumphante alága !



Ante-manhã, sob o sendal da bruma,  
Elle vagia na vertente ainda,  
— Lympha amorosa — co'a nitente espuma  
Orlava o seio da Mineira linda ;  
Ao meio dia, quando o solo fuma  
Ao bafo morto de ãa calma infinda,  
Viram-no aos beijos dolamber demente  
As rijas formas da cabocla ardente.

Insano amante ! Não lhe mata o fogo  
O deleite da indigena lasciva...  
Vem — á busca talvez de desafogo  
Bater á porta da Bahiana altiva.  
Nas verdes cannas o gemente rogo  
Ouve-lhe á tarde a tabarôa esquiva...  
E talvez por magia... á luz da lua  
Molle a creança na caudal fluctua.

Rio soberbo ! tuas aguas turvas  
Por isso descem lentas, peregrinas...  
Adormeces ao pé das palmas curvas  
Ao musico chorar das casuarinas !

Os poldros soltos — retezando as curvas,  
Ao galope agitando as longas crinas,  
Rasgam alegres — relinchando aos ventos  
De tua vaga os turbilhões barrentos.

E tu descês, ó Nilo brasileiro,  
As largas *ypoeiras* alagando,  
E das aves o côro alviçareiro  
Vae nas balsas teu hymno modilhando !  
Como pontes aerias — do coqueiro  
Os cipós escarlates se atirando,  
De grinaldas em flor tecendo a arcada  
São arcs triumphaes de tua estrada !...  
54

---



## A CACHOEIRA

---

**M**AS subito da noite no arrepio  
Um mugido soturno rompe as trevas...  
Titubantes — no alveo do rio --  
Tremem as lapas dos titães coevas !...  
Que grito é este sepulchral, bravio,  
Que espanta as sombras ululantes, sevas ?...  
É o braço atoador da catadupa  
Do penhasco batendo na garupa !...  
55

) *brado*

lodo)

Quando no lado fértil das paragens  
 Onde o Paraguassú rola profundo,  
 O vermelho novillo nas pastagens  
 Come os caniços do torrão fecundo ;  
 Inquieto elle aspira nas bafagens  
 Da negra suc'ruíuba o cheiro immundo...  
 Mas já tarde... silvando o monstro vóa...  
 E o novillo preado os ares trôa !

Então doudo de dor, sanie babando,  
 Com a serpente no dorso parte o touro...  
 Aos bramidos os valles vão clamando,  
 Fogem as aves em sentido choro...  
 Mas subito ella ás aguas o arrastando  
 Contrae-se para o negro sorvedouro...  
 E enrolando-lhe o corpo quente, exangue,  
 Quebra-o nas roscas, donde jorra o sangue.

Assim dir-se-hia que a caudal gigante  
 — Larga sucuruiuba do infinito —  
 Co'as escamas das ondas coruscante  
 Ferrara o negro touro de granito !... .



Horrido, insano, triste, lacerante  
Sobe do abysmo um pavoroso grito...  
E medonha á suar a rocha brava  
As pontas negras na serpente crava !... .

Dilacerado o rio espadanando  
Chama as aguas da extrema do deserto...  
Atropella-se, empina, espuma o bando ..  
E em massa rúe no precipicio aberto...  
Das grutas nas cavernas estourando  
O coro dos trovões travam concerto...  
E ao vel-o as agnias tontas, eriçadas  
Caém de horror no abysmo estateladas... .

A cachoeira ! Paulo Affonso ! O abysmo !  
A briga colossal dos elementos !  
As garras do Centauro em paroxismo  
Raspando os flancos dos parceiros sangrentos.  
Relutantes na dor do cataclysmo  
Os braços do gigante suarentos  
Aguentando a ranger (espanto ! assombro ! )  
O rio inteiro, que lhe cae no hombro !

Grupo enorme do fero Laocoonte  
Vira a Grecia acolá e a luta estranha !...  
Do sacerdote o punho e a roxa frente...  
E as serpentes de Ténedos em sanha !...  
Por hydra — um rio ! Por augure — um monte !  
Por aras de Minerva — uma montanha !  
E em torno ao pedestal laçados, tredos,  
Como filhos chorando-lhe — os penedos.

---



## UM RAI0 DE LUAR

---

ALTA noite elle ergueu se hirto, solemne.

Pegou da mão da moça. Olhou-a fito...

Que fundo olhar !

Ella estava gelada, como a garça,

Que a tormenta ensopou longe do ninho

No longo mar.

Tomou-a no regaço... assim no manto

Apanha a mãe a creancinha loura,

Terra a dormir.

Apartou-lhe os cabellos sobre a testa

Pallida e fria... Era talvez a morte...

Mas a sorrir.

Pendeu-lhe sobre os labios. Como treme

No somno aza de pombo, assim tremia-lhe

O resomnar.

E como o beija-flor dentro do ovo,

Ia-lhe o coração no niveo seio

A titilar.

Morta não era ! Emtanto um rir convulso

Contrahira as feições do homem silente

— Riso fatal.

Dir-se-hia que antes a quizera rija

Inteiriçada pela mão da noite

Hirta, glacial !

Um momento de braços sobre o abysmo

Elle, embalando-a, sobre o rio negro

Mais s'inclinou...

N'esse instante o luar bateu-lhe em cheio,

E um riso á flor dos labios da creança

Á flux boiou!

Qual o murzelo do penhasco á borda

Empina-se e cravando as ferraduras

Morde o escarceo;

Um calafrio percorreu-lhe os musculos...

O vulto recuou!... A noite em meio

Ia no ceo!



## DESPERTAR PARA MORRER

---

— « **A**CORDA ! »

— « Quem me chama ? »

— « Escuta ! »

— « Escuto . . . »

— « Nada ouviste ? »

— « Inda não . . . »

— « É porque o vento

Escaceou. »

— « Ouço agora . . . da noite na calada

Uma voz que resomna cava e funda

E após cançou ! »

— « Sabes que voz é esta ? »

— « Não ! semelha

Do agonisante o derradeiro engasgo,

Rouco estertor. . . »

E calados ficaram, mudos, quedos,

Mãos contrahidas, boccas sem alento. . .

Hora de horror !. . .

---

## LOUCURA DIVINA

---

— « SABES que voz é esta ? »

Ella scismava !...

— « Sabes, Maria ? »

— « É uma canção de amores,

Que além gemeu ! »

— « É o abysmo, creança !... »

A moça rindo

Enlaçou-lhe o pescoço :

— « Oh ! não ! não mintas

Bem sei que é o céu ! »

60



— « Doida! doida! é a voragem que nos chama!.. »

— « Eu ouço a Liberdade! »

— « É a morte, infante!

— « Erraste. É a salvação! »

— « Negro phantasma é quem me embala o esquife! »

— « Loucura! É tua Mãe... O esquife é um berço,  
Que boia n'amplidão!.. »

— « Não vês os pannos d'agua como alvejam

Nos penedos?... Que gelido sudario

O rio nos talhou! »

— « Veste-me o setim branco do noivado...

Roupas alvas de prata... alventes dobras...

Veste-me!.. Eu aqui estou! »

— « Já na proa espadana, salta a espuma... »

— « São as flores gentis da lorangeira

Que o pego vem nos dar...

Oh! nevoa! Eu amo teu sandal de gaze!...

Abram-se as ondas como virgens louras,

Para a esposa passar!...

« As estrellas palpitam ! — São as tochas !  
Os rochedos murmuram !.. — São os monges !  
Resa um orgão nos céus !  
Que incenso ! — Os rolos que do abysmo voam !  
Que thuribulo enorme — Paulo Affonso !  
Que sacerdote ! — Deus... »  
61

.....

---



# A' BEIRA DO ABYSMO

E DO INFINITO

---

A CELESTE Africana, a virgem — Noite  
Cobria as faces... Gotta a gotta os astros  
Cahiam-lhe das mãos no peito seu...  
Um beijo infindo suspirou nos ares...

.....  
A canôa rolava !.. Abriu-se a um tempo  
O precipicio !.. e o céu !...

62

FIM



## N O T A

---

Lê-se no DEZESEIS DE JULHO :

« Depois de quatorze legoas de viagem, desde a foz do Rio de S. Francisco, chega-se a esta cachoeira, de que se contam tantas grandezas fabulosas.

« Para bem descrevel-a, imaginae uma colossal figura de homem sentado com os joelhos e os braços levantados, e o rio de S. Francisco cahindo com toda sua força sobre as costas. Não podereis ver sem estar trepado em um dos braços, ou em qualquer parte que lhe fique ao nivel ou á cavalleiro sobre a cabeça.

« Parece arrebentar de debaixo dos pés, como a formosa cascata de Tivoli junto á Roma. Um mugir surdo e continuado, como os preparos para um terremoto, serve de acompanhamento á musica estrondosa de variados e diver-

sos sons, produzidos pelos choques das aguas. Quer ellas venham correndo velocissimas ou saltando por cima das cristas de montanhas ; quer indo em grandes massas de encontro a ellas, e dellas retrocedendo : cahindo em borbotão nos abysmos e delles se erguendo em humida pocira, quer torcendo-se nas vascas do desespero, ou levantando-se em espumantes escarcéos ; quer estourando como uma bomba ; quer chegando-se aos vae-vens, e brandamente e com espadanas ou em flocos de escuma alvissima como arminhos, — é um espectaculo assombroso e admiravel.

« A altura da grande queda foi calculada em 362 palmos. Ha 17 cachoeiras, que são verdadeiros degraus do alto throno, onde assentou se o gigante de nome Paulo Affonso.

« Muitas grutas apresentam os rochedos deste lugar, sombrias, arejadas, arruadas de crystalinas areias, banhadas de frigiditas lymphas.

« S. M, o Imperador visitou esta cachoeira na manhã de 20 de Outubro de 1859. O Presidente das Alagoas, Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas, teye a idéa de erigir um monumento á visita imperial. »

( Transcripta do *Diario da Bahia.* )



## ERRATA

Pag. 1, verso 2, em vez de *rista*, *crista* ; pag. 9, verso 2, em vez de *camu*, *canôa* ; pag. 14, verso 16, em vez de *estorteja*, *estortega* ; pag. 18, verso 14, em vez de *fulo*, *fulvo* ; pag. 105, verso 7, em vez de *braço*, *brado* ; pag. 106, verso 1, em vez de *lado*, lodo.



